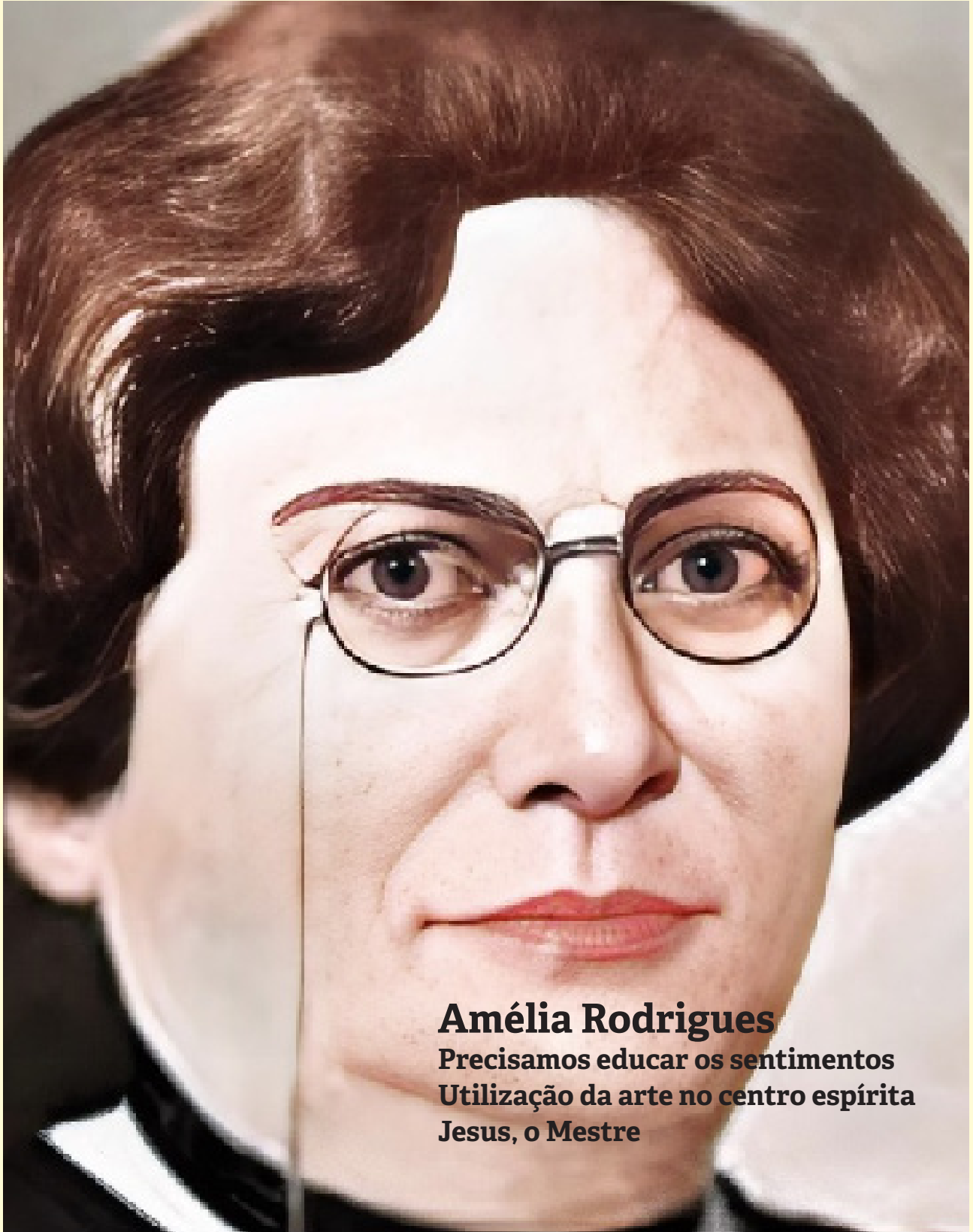


revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 3 - Número 14 - Maio / Junho de 2026



Amélia Rodrigues

Precisamos educar os sentimentos

Utilização da arte no centro espírita

Jesus, o Mestre

SUMÁRIO



REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 3, Número 14 - Maio / Junho de 2026

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A. J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 9.9397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

Acesse a revista em

<https://www.juventudeespirita.com.br/category/revistas/revistaeducacaoespirita>

A *Revista Educação Espírita* não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Editorial	3
Entrevista Leopoldo Machado: O Espiritismo é Obra de Educação	4
Estante Espírita	9
Precisamos educar os sentimentos	10
Espiritismo e educação: para uma pedagogia da espiritualidade sem dogma	13
Amélia Rodrigues	16
Nunca esqueçamos a bondade	18
Jesus, o mestre	20
Atividade prática: Jogos para estimulação de relacionamentos interpessoais	22
Utilização da arte no centro espírita	26
Divulgando	30
Pensando a educação	31

Colaboradores deste número

Leopoldo Machado (in memoriam)
Marcus De Mario,
Orson Peter Carrara
Pedro de Camargo Vinícius (in memoriam)
Solange Araújo

EDITORIAL

Temos ofertado gratuitamente pelo canal Orientação Espírita, no YouTube, programas e séries voltados à educação, quais sejam os programas semanais *Espiritismo e Educação* (em parceria com o educador Ronaldo Gomes), e *Na Era do Espírito*; e disponibilizamos a série Educação Espírita, também com vídeos semanais. E ainda mantemos o Curso Educação do Espírito, com 16 videoaulas, sempre pensando em melhor qualificar o educador espírita, num trabalho que se conjuga com a edição bimestral da **Revista Educação Espírita**, que é distribuída gratuitamente.

Mas como a vida não é feita apenas de ações digitais e encontros online, pois somos seres de relação, e o presencial é muito importante, ofertamos aos Centros Espíritas, e ao movimento espírita, a oportunidade de agendar nossa presença para o desenvolvimento do Seminário Educação do Espírito.

Temos nos dedicado intensamente pela educação bem entendida pela doutrina espírita, e voltamos, aproveitando esta edição da **REE**, a fazer nosso apelo para que mais e mais ações sejam feitas em torno do tema, seja nas reuniões públicas dos centros espíritas, seja em eventos específicos, como encontros de evangelizadores, seminários etc. Isso deve ter caráter de urgência, pois é da formação do caráter em bases espiritualistas que estamos necessitados.

Atentem os dirigentes espíritas para a importância da evangelização, atendendo da criança ao adulto e, conseqüentemente, da importância da formação e incessante qualificação dos evangelizadores, pois não podemos parar no tempo. A pedagogia espírita é dinâmica, trabalhando com o espírito reencarnado, e a sintonia desses espíritos com o Evangelho, será a garantia de uma nova ordem social, mais fraterna e solidária, com base no “amai-vos uns aos outros”.

Temos no movimento espírita excelentes educadores e boas propostas educacionais que, na verdade, precisam apenas de incentivo e apoio para darem bons e generosos frutos. Sejam, pois, divulgados e levados a público!

Desejamos que o conteúdo desta edição da **REE** provoque sérias e profundas reflexões, assim como desejamos que enseje boas práticas junto às crianças, aos jovens e aos adultos.

Boa leitura!

Receba meu fraternal abraço.

Marcus De Mario
Editor-chefe
Marcus De Mario

Entrevista

Leopoldo Machado: O Espiritismo é Obra de Educação

Redação

Pedimos licença aos leitores da REE para utilizar o espaço dedicado a entrevistar educadores espíritas, para trazer um estudo especial. No ano de 1939, durante a realização do 1º Congresso de Jornalistas Espíritas, de 15 a 24 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro, Leopoldo Machado apresentou a tese *O Espiritismo é Obra de Educação*, a qual será objeto de nossa análise neste texto.

Para situar os leitores, Leopoldo Machado (1891-1957) é considerado um dos grandes vultos do Espiritismo no Brasil, tendo sido escritor, jornalista, dramaturgo, poeta, palestrante, educador. Entre suas realizações consta a criação do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, do Albergue Noturno

Allan Kardec e do Lar de Jesus, todos em Nova Iguaçu (RJ). Realizou o 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (1948); participou do Congresso Brasileiro de Unificação (1948); fez parte do 2º Congresso Espírita Pan-americano (1949); assinou o Pacto Áureo com a criação do Conselho Federativo Nacional (CFN) da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1949; coordenou a Caravana da Fraternidade, pelos estados do Nordeste e Norte, no ano de 1950, com a criação de várias federativas espíritas estaduais. Foi pioneiro na divulgação da Doutrina Espírita pelo rádio; incentivador da evangelização espírita de crianças e jovens, entre outros feitos que elevaram seu nome na galeria dos trabalhadores da seara de luz do Espiritismo e do Evangelho. Desde 1930 Leopoldo Machado estava

à frente de outra sua criação, o Colégio Leopoldo, na cidade de Nova Iguaçu (RJ), escola laica e de grande relevância, existente até os dias atuais, mostrando quanto ele priorizava a educação.

Vamos, agora, apresentar e comentar sua tese. Passados mais de 80 anos de sua publicação, ela continua válida, merecendo dos espíritas análise, estudo e reflexões de importância.

O Espiritismo é obra de educação

O título da tese é utilizado para nomear sua apresentação, em que Leopoldo Machado mostra que todos os esforços humanos para alcançar a felicidade falharam, concluindo então: *“A vida humana corre, para quem a examina superficialmente, como nos tempos de barbárie, se não for mais complicada, menos fácil, mais áspera. Dir-se-ia que o homem do ‘século das luzes’ muito pouco ou quase nada se distanciou do selvagem e do bárbaro, a despeito do verniz de civilização que apresenta.”*

Ele pergunta: será que valeram tantos esforços para progredirmos em ciência, filosofia, religião, sociologia, artes, literatura etc., diante de tantos problemas vivenciais?

Quais as causas?

O tópico dois da tese enumera e comenta as possíveis causas da ruína da civilização humana. Sucessivamente ele reflexiona sobre a ciência, a filosofia, a religião, a sociologia, os códigos morais, as letras, as artes, as tecnologias, os códigos sociais, a economia, os esportes, a cultura. A conclusão, inevitável, é

a mesma: não é por falta delas que se explicam os males da humanidade, pelo contrário, pois em todas as áreas do conhecimento os seres humanos avançaram e possuem um leque formidável de opções.

Pergunta, então, Leopoldo Machado: *“Por que será, então, que dispondo a humanidade de tudo, sob o ponto de vista científico e filosófico, religioso e moral-social, esportivo e artístico, não pode ser feliz? Por que não resolveu o problema da felicidade humana?”*

A maior causa

Abrindo o item terceiro, temos uma grave afirmativa: *“O materialismo grosseiro e absorvente, orgulhoso e egoístico, que se infiltrou em tudo e dominou todas as camadas, eis a causa maior e pior.”*

Em sua tese, ele discorre sobre o grave problema do nascer, viver e morrer defendido pela ciência, assim como pela indefinição das religiões quanto à alma e a vida futura, levando os homens e mulheres à incredulidade e ao materialismo, a tudo dominando, e erguendo as emoções e sensações como altares do viver, afinal tudo acabaria com a morte.

Trazendo à nossa consideração a ideia espiritualista sobre a vida, encerra suas reflexões com o bom senso de Allan Kardec, na seguinte afirmativa: *“Para crer, não basta ver, senão também, e principalmente, compreender.”*

Religião e ciência

Aqui Leopoldo Machado situa a

ciência e a religião como os dois polos da vida espiritual, mostrando que não é possível viver com apenas uma delas, pois somos necessitados das duas para resolver todos os problemas que a vida nos oferece, concluindo que fé e razão, ciência e religião se completam, necessitam uma da outra.

Após novamente citar Allan Kardec, agora sobre a aliança da ciência com a religião, conclui seu pensamento: *“A ciência deve ser religiosa e a religião científica, se quiserem ambas dominar todas as consciências, preparando o homem para a solução do problema de maior importância: o problema de sua felicidade mesma.”*

O papel da educação

Neste item, inicia afirmando que *“a educação é o único processo de solucionar este problema (a felicidade humana).”*

Faz da educação o elo entre a ciência e a religião, concluindo: *“É preciso que a ciência valha muito mais e que a religião prepare o homem para que, espiritualizando-se convenientemente, possa confiar numa ventura post mortem, sem descurar da felicidade na Terra.”*

A lição de Licurgo

É o sexto item da tese, discorrendo sobre a famosa passagem grega em que o legislador Licurgo foi convidado para discursar sobre o propósito da educação, para o qual pediu o prazo de um ano para se preparar, o que foi considerado um exagero, mas aceito. Depois desse prazo, Licurgo se apresentou

diante de enorme plateia, trazendo duas gaiolas. Numa havia dois cães, na outra, duas lebres. Sem nada dizer, libertou uma lebre e um cão, e este imediatamente caçou e estraçalhou a lebre, para espanto geral. Em seguida soltou a outra lebre e o outro cão, e, para surpresa geral, os dois animais se confraternizaram, brincando alegremente entre si. E concluiu: *“Trouxe-vos o exemplo do que pode a educação.”*

Conclui o autor da tese: *“Será que a ciência e a religião sejam mais inimigas do que o cão e a lebre? Se em casos de competições terrenas pode tanto a educação, o que não poderá ela nos domínios da inteligência e do espírito? Tudo!”*

A educação e os grandes homens

Mostra neste item que em todas as épocas da humanidade houve preocupação, por parte dos seres humanos, com a educação. Passeia por diversos períodos históricos, citando vários personagens famosos como Confúcio, Zoroastro, Salomão, Moisés, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Jesus, Condillac, Erasmo de Roterdã, Rabelais, concluindo: *“É de sua solução (da educação) que depende a solução de todos os outros problemas humanos.”*

Que é o homem

Definir a visão que se possui sobre o ser humano é de fundamental importância para o processo educacional. Assim, apresenta primeiro o pensamento materialista, demonstrando sua incapacidade de responder a questões mais profundas sobre o ser do homem,

concluindo que a melhor visão é aquela apresentada por Jesus: *“Para o Cristo, a criatura é capaz de fazer o que Ele fez e mais ainda, pois Ele o disse: ‘Vós sois deuses’. Mas, só se será um deus, capaz de fazer o que fez o Cristo, pela educação. Mas, pela educação no sentido racional e espiritual do termo.”*

A obra da educação

Aqui Leopoldo Machado faz a ligação definitiva entre Educação e Evangelho, mostrando que não podem dissociar-se, pois assim acontecendo teremos a manutenção do pensamento materialista, como temos assistido. Mas, o que é educação? Ele responde: *“Trata-se da educação cientificamente religiosa, porque da religião filosófica-científica que se consubstancia na Doutrina Espírita, cuja função é, acima de tudo e essencialmente, espiritualizar educando ou reeducando o homem à luz do Evangelho de Jesus interpretado em espírito e verdade.”*

Outras considerações

Seguem alguns itens em que Leopoldo Machado discorre sobre o Espiritismo, o Cristianismo, o Judaísmo e a Educação, para em sequência, a partir do tem 12, abordar a realidade brasileira no campo da educação e da difusão do Espiritismo e do Evangelho, concluindo que somente a ligação entre Educação e Evangelho poderá espiritualizar o ser humano e a humanidade.

Com esse pensamento, encerra esse estudo no item 16 com as seguintes palavras: *“A educação completa e integral, porque baseada na*

paz e no amor, no perdão e na justiça, na renúncia e na tolerância, principalmente, na caridade, conhece-a, pois a humanidade, há vinte séculos. Se esta educação que, a despeito de aplicada imperfeitamente, já produziu alguns frutos sazonados, frutos somente opimos produzirá quando integralmente praticada em espírito e verdade.”

A função maior do Espiritismo

Neste magistral item ficamos sabendo que a finalidade do Espiritismo não é curar corpos, atender exclusivamente à saúde orgânica do ser humano, nem mesmo realizar o intercâmbio mediúnico com os desencarnados, ou mesmo ser uma casa de orações.

Vejam: *“Sua verdadeira obra, porém, é a da educação, é a do ensino dos Evangelhos em espírito e verdade. Ensino e educação que nos ponham na posse da justiça de Deus, para recebermos tudo o mais de acréscimo.”*

E sobre os Centros Espíritas, afirma com veemência: *“Um centro de Espiritismo deve ser, e é, acima de tudo, uma casa de estudos, uma verdadeira escola, onde se deve estudar a mais difícil das ciências, - a Ciência da Imortalidade; a mais complexa das filosofias, - a Filosofia do Espírito; a mais lógica e doce das religiões, - a Religião do Cristo, interpretada em espírito e verdade.”*

O valor da educação na infância

Aqui só nos resta passar a palavra ao autor da tese ora em estudo:

“Não tenhamos dúvida que a maior obra do Espiritismo é a da educação. Educação que implique o conhecimento necessário

da Doutrina, visto como ninguém pode professar, lógica e racionalmente, uma doutrina sem conhecê-la bem. Educação no sentido de pautar com nossos atos os ensinamentos da Doutrina que nos orienta. Educação capaz de respeitar e tolerar todos os que seguem e praticam outras doutrinas; todos os que, dentro de nossa Doutrina, não pensam e não sentem como nós! Educação que nos leve a trabalhar porfiadamente pela Doutrina, sempre tolerantes e solidários, dentro da divisa do codificador: trabalho, solidariedade e tolerância.”

Podemos imaginar o que essa educação fará de melhor para as novas gerações, que assim educadas transformarão para melhor a humanidade?

Por uma conclusão

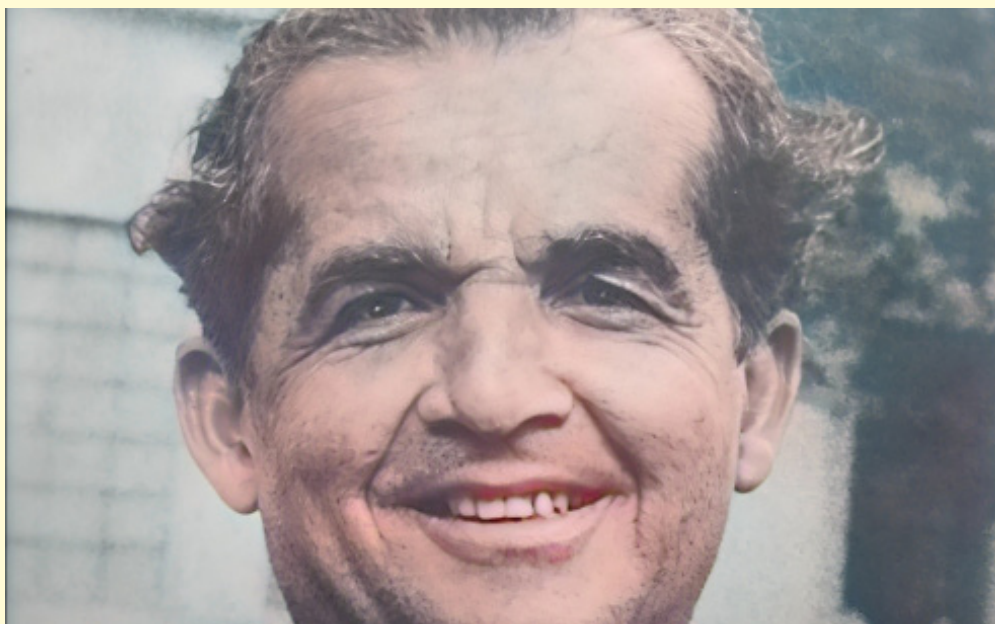
A parte final da tese O Espiritismo é Obra de Educação, de Leopoldo Machado, quando ele apresenta o Esboço de Um Programa de Edu-

cação, O Decálogo do Bom Aluno e A Maior Dificuldade (o papel dos mestres na escola), merece abordagem à parte pela sua importância, tratando-se da parte prática da tese. É o que faremos em próxima abordagem, em texto à parte deste.

Deixamos aqui o que consideramos úteis reflexões sobre Educação, Evangelho e Espiritismo, trazendo de volta uma tese esquecida no tempo, mas muito valiosa, elaborada por quem, do fundo de sua alma, muito amou essa tríade, e muito fez para colocá-la em prática.

Bibliografia

MACHADO, Leopoldo. Espiritismo é Obra de Educação, O. Tese apresentada ao 1º Congresso de Jornalistas Espíritas, realizado de 15 a 24 de novembro de 1939. Colégio Leopoldo: Nova Iguaçu/RJ, 2ª edição, 1991. **REE**



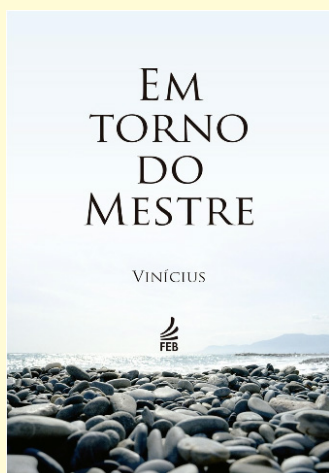
Estante Espírita

O EVANGELHO DE JESUS EM ESPÍRITO E VERDADE

J. HERCULANO PIRES

Jesus e os evangelhos têm concentrado a atenção de estudiosos e pesquisadores de diversos lugares do mundo, há séculos. Herculano Pires dedicou sua vida ao estudo do Cristianismo, em espírito e verdade. Durante quatro anos, apresentou o programa “No Limiar do Amanhã”, transmitido pela Rádio Mulher, onde o Evangelho ia sendo desvendado no seu sentido espiritual mais puro, clareado pela visão espírita. Esta obra contém 100 explicações evangélicas originais desses programas. Um conteúdo valioso para quem busca compreender o Espiritismo mas, principalmente, a essência pura e vigorosa da mensagem de Jesus.

Editora Paidéia – 385 páginas



EM TORNO DO MESTRE
PEDRO DE CAMARGO, VINÍCIUS

Procura esta obra, com mensagens claras, oferecer os ensinamentos de Jesus à luz do Espiritismo, para que possamos estar “em torno do Mestre”, saciando nossa fome de justiça e paz. Por meio de 135 mensagens, o objetivo do autor é tornar o Evangelho acessível a qualquer pessoa. Sua narrativa fundamenta-se na razão e no sentimento, auxiliando o leitor a caminhar na direção da luz e do bem. É um livro para a cabeceira da cama, para a reunião do Evangelho no lar ou ainda para ser utilizado nas exposições doutrinárias.

FEB Editora – 356 páginas

A EDUCAÇÃO SEGUNDO O ESPIRITISMO

DORA INCONTRI

Trata da perspectiva pedagógica do Espiritismo e de uma possível perspectiva reencarnacionista da educação. Propõe a teoria e a prática de uma pedagogia espírita, com linguagem acessível. É um livro de leitura para os espíritas e os não espíritas, principalmente os que trabalham mais diretamente com a educação de crianças e jovens, seja na família, na escola ou no centro espírita. Apresenta uma proposta de educação para um futuro mais luminoso para a humanidade, conforme os princípios que formam a Doutrina Espírita.

Editora Comenius – 314 páginas



Precisamos educar os sentimentos



Marcus De Mario

O ensino religioso costuma ser impositivo, ou seja, pede aceitação de verdades compartilhadas pelo grupo, sem possibilidade de reflexão ou contestação.

Ver uma criança rebelde, egoísta, violenta não é agradável; imaginá-la com a mesma personalidade quando adulta também não é nada agradável, ainda mais porque seremos impactados socialmente. Em algum ponto estamos falhando na formação das novas gerações, e não temos nenhum receio em dizer firmemente que estamos falhando no que é mais importante: a educação. Isso porque delegamos a educação à aquisição de conhecimentos, às provas e títulos, à formação técnica e profissional. Sabemos que pessoa intelectualizada, com muitos saberes, certificados os mais diversos e sólida carreira profissional nem sempre é sinônimo de pessoa honesta, solidária, ética, de bom caráter, hu-

manizada. Mesmo assim, insistimos em abordar o assunto apenas pelo viés da instrução cognitiva, retirando a discussão sobre valores humanos, ética e solidariedade da escola, insistindo que isso é um problema exclusivo da família, é uma questão que pertence à ação dos pais; insistimos em separar a educação em fragmentos, quando a abordagem deveria ser de totalidade, considerando o ser integral que somos, dotados de inteligência e sentimento.

Como estamos muito preocupados conosco mesmos, vivendo de forma individual e, muitas vezes, egoisticamente, não sabemos dar espaço à solidariedade e à ética, mesmo porque não aprendemos a ser solidários e éticos nem com os nossos pais, nem com os nossos professores. Também não apren-

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o grupo de estudo espírita Seara de Luz. É editor do canal Orientação Espírita no YouTube. Possui 40 livros publicados. É editor-chefe da Revista Educação Espírita.

demos a pensar por conta própria utilizando o bom senso, seguimos o que os outros pensam, é mais cômodo. Por tudo isso vivemos uma sociedade egoísta, violenta, mergulhada em paixões e vícios de toda ordem, lembrando que quando falamos em sociedade, em humanidade, estamos falando no conjunto das pessoas, dos seres humanos, dos indivíduos. Quando estes se melhorarem, melhorarão a sociedade.

Qual o instrumento que pode fazer com que o ser humano melhore? Não temos nenhuma dúvida: a educação. Mas, temos que nos posicionar sobre o que entendemos por educação, que não exclui a formação intelectual, a aquisição de conhecimentos, entretanto, vai além, pois deve igualmente propiciar o desenvolvimento afetivo, dos sentimentos, o que temos descuidado, colocado em segundo plano, deixando que as crianças e os jovens cresçam sem saber o que é pensar no coletivo, o que é respeitar o direito do outro. Queremos que tenham autonomia e protagonismo, mas não nos importamos se assim serão com ética e responsabilidade. Ora, se não trabalhamos a educação dos sentimentos, nem nos importamos com os valores humanos que nortearão seu viver, como nos queixamos do egoísmo, dos preconceitos, das violências de toda ordem que nos atormentam incessantemente?

Há décadas assistimos os índices de suicídio crescerem entre crianças e jovens. As drogas tomam conta do mundo juvenil. A sexualidade precoce com a transmissão de doenças, gravidez e abortos

se multiplicando entre adolescentes. A criminalidade infantojuvenil em escalada vertiginosa. O que temos feito para mudar esse quadro assustador e extremamente preocupante? Muito pouco! Continuamos a dizer que escola é lugar de aprender conhecimentos intelectuais, e família é lugar de aprender boas maneiras. A educação dos sentimentos, que equivale a compreendermos o processo de desenvolvimento das qualidades morais ou virtudes, ou seja, desenvolver a ética, a solidariedade, a bondade, o respeito, o amor ao próximo, passa longe tanto da escola quanto da família.

Existe uma regra fundamental que deve nortear todos os esforços em educação: fazer com que as novas gerações, crianças e jovens, aprendam a fazer ao outro somente o que desejam que o outro lhes faça. Esse aprendizado somente pode acontecer quando os educadores - pais e professores - se conscientizarem que, igualmente, devem aplicar a regra fundamental a si mesmos. Não se ensina por palavras, mas por exemplos.

A necessidade da educação dos sentimentos é urgente. Infelizmente só nos damos conta disso quando o mal nos atinge. Então reclamamos das autoridades públicas e varremos tudo para debaixo do tapete, porque, lá no fundo da consciência, sabemos que a culpa também é nossa, mas fazer o exercício do autoconhecimento e da autoeducação dá trabalho, sendo mais cômodo transferir responsabilidades e continuar na zona de conforto, mesmo que a dor e o sofrimento continuem a nos casti-

gar. Até quando vamos continuar assim?

Desenvolver a educação moral numa visão transcendente sobre a vida é dever do espírita, pois abraça uma doutrina eminentemente educativa, e esse desenvolvimento deve acontecer em todos os grupos sociais em que atua, principalmente na família, na escola e na instituição espírita, não apenas ensinando, mas principalmente dando o exemplo de reta conduta, de honestidade, de fraternidade, de solidariedade e de respeito. Sendo o Espiritismo uma doutrina cujos alicerces estão assentados também no Evangelho, o espírita deve ter

em Jesus o Mestre que lhe serve de guia e modelo, que nos trouxe a lei divina do amor, o maior dos sentimentos.

Está faltando amor nos corações, está faltando sentimento nas pessoas.

Mais dia, menos dia, faremos o retorno ao mundo espiritual e, depois de um tempo, receberemos a notícia da próxima encarnação. Seria muito bom sermos recebidos por pais evangelizados, sensíveis, humanizados. Para que isso venha a acontecer, a educação dos sentimentos precisa, com urgência, acontecer a partir de agora. **REE**



Espiritismo e educação: para uma pedagogia da espiritualidade sem dogmas



Solange Araújo

O ensino religioso costuma ser impositivo, ou seja, pede aceitação de verdades compartilhadas pelo grupo, sem possibilidade de reflexão ou contestação.

Solange Araújo começou no Espiritismo aos 12 anos, no Instituto Kardecista da Bahia, em Salvador. É formada em História, pós graduada em História Moderna e Contemporânea, fez o curso de Educação e Espiritualidade e atualmente cursa a Pós Graduação EAD em Educação. Mora em Portugal.

O Espiritismo, desde a sua codificação, propôs uma concepção de espiritualidade fundamentada na razão e no livre-exame, afastando-se de dogmas tradicionais. Este artigo discute como a educação pode incorporar os princípios da Doutrina Espírita, entendidos como racionalidade, ética e transcendência, para desenvolver uma pedagogia da espiritualidade sem dogmas. Analisa-se como os princípios espíritas dialogam com as descobertas recentes da neurociência e com abordagens contemporâneas em educação integral, propondo caminhos para uma prática educativa que promo-

va o autoconhecimento, a cidadania e a espiritualidade laica. Por fim, apresenta-se uma agenda de pesquisa para consolidar o diálogo entre o espiritismo e a educação no âmbito científico.

Historicamente, a espiritualidade esteve confinada aos dogmas das instituições religiosas. Contudo, no século XIX, com o advento do Espiritismo, surgiu a proposta de um paradigma espiritual, baseado na observação, no livre-pensamento e no progresso ético e intelectual: “Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade.” (ESE, 2003). Esse princípio abriu espaço para um entendimento da espiritualidade não



como imposição de crenças, mas como experiência racional e ética.

No campo educacional, as transformações sociais e científicas das últimas décadas também exigem novas concepções de espiritualidade: menos dogmática, mais inclusiva, mais dialógica. Essa convergência permite a construção de uma pedagogia inspirada nos valores espíritas, como a autonomia moral, a caridade e a evolução pessoal, sustentada por evidências científicas.

O Espiritismo concebe a espiritualidade como uma dimensão natural do ser humano, relacionada à consciência e à moralidade, mas sem a necessidade de

intermediários institucionais. O progresso espiritual foi definido como uma consequência do progresso intelectual aliado ao aperfeiçoamento moral (LE, 2018).

Por sua vez, a educação contemporânea, influenciada por paradigmas como os de Edgar Morin e Howard Gardner, busca desenvolver o ser humano integralmente, incluindo suas dimensões emocional, ética e espiritual. Danah Zohar (1997), por exemplo, propõe a “inteligência espiritual”, como capacidade de buscar e atribuir sentido à própria existência. Nesse sentido, os princípios espíritas de autoeducação moral, reflexão racional e

responsabilidade social dialogam com os objetivos de uma educação integral e crítica.

O Espiritismo pode contribuir com a educação em três eixos centrais:

1. Ética universal: a Pedagogia Espírita valoriza a ética independente de credos, centrada em fazer ao outro o que gostaria que lhe fosse feito, Isso pode fundamentar programas de educação em valores, cidadania e direitos humanos.

2. Autonomia moral e intelectual: a educação espírita incentiva o livre-arbítrio e a responsabilidade pessoal, afastando-se dos dogmas. Nas escolas laicas, isso pode ser trabalhado por meio de metodologias ativas, debates éticos e práticas reflexivas.

3. Consciência de interdependência planetária: a ideia espírita de que todos somos espíritos imortais em evolução, compartilhando um destino comum, converge com as respostas de Morin (2023) de uma cidadania planetária, indispensável em tempos de crise ambiental e social.

Tais princípios já inspiraram experiências pedagógicas em diferentes contextos, como escolas espíritas no Brasil e práticas de educação em valores humanos no ensino público.

A ciência contemporânea fornece respaldo para as dimensões defendidas pelo Espiritismo, como a importância da consciência, da empatia e da interconexão. A neurociência mostra como práticas meditativas e reflexivas podem modular áreas cerebrais relacio-

nadas à compaixão e ao bem-estar (ZOHAR, 1997). A física quântica, embora ainda polêmica em suas interpretações, inspira noções de interdependência que ressoam com a visão espírita de unidade da criação.

A Educação, portanto, pode ser o espaço onde ciência e espiritualidade convergem para formar cidadãos críticos, conscientes e responsáveis.

O Espiritismo, com sua ênfase na razão, na ética e na evolução, oferece uma matriz conceitual adequada para a construção de uma pedagogia da espiritualidade que seja inclusiva e crítica. Para isso, é necessário consolidar pesquisas interdisciplinares que articulem espiritismo, educação, neurociência e ciências sociais, além das práticas pedagógicas inovadoras.

O desafio neste século XXI é transformar a espiritualidade em objetivo pedagógico, sem transformá-la em doutrina, respeitando a liberdade de consciência e promovendo valores universais que sustentem a convivência democrática e a sustentabilidade planetária.

Referências

- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. São Paulo: Lake, 2003.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Paideia, 2018.
- LIPTON, Bruce H. *A biologia da crença*. Alfragide: Lua de Papel, 2022. **REE**

Amélia Rodrigues

Redação



Amélia Rodrigues

O pensamento de Amélia Rodrigues se identifica com o pensamento de Fénelon, contido em O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Educar é formar homens de bem, e não apenas instruí-los”.

Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues nasceu em 26 de maio de 1861 na Fazenda Campos, situada em Freguesia de Oliveira dos Campinhos, município de Santo Amaro da Purificação, Estado da Bahia. Filha de Félix Rodrigues e Dona Maria Raquelina Rodrigues, ela já mostrava elevada condição espiritual desde a infância, tendo começado a escrever poesias aos 12 anos.

Estudou com o Cônego Alexandrino do Prado e, em seguida, foi aluna dos Professores Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues M. de Almeida. Sua vocação para o magistério era inata. A par disso, matriculou-se no colégio mantido pela professora Cândida Álvares dos Santos e começou a lecionar em Arraial da Lapa.

Alguns anos depois, disputou

vaga em concurso para lecionar em Santo Amaro da Purificação. Sendo aprovada, lecionou ali por oito anos consecutivos. Em 1891, graças à sua capacidade para ensinar e ao seu amor à causa da educação, foi transferida para Salvador e lotada na Escola Central do Bairro Santo Antônio.

Em 1905, um de seus alunos, adolescente ainda, foi selecionado para lecionar inglês pelo sistema do filósofo Spencer. Amélia Rodrigues não só o ajudou a compreender o pensamento daquele filósofo, como complementou o seu aprendizado. Disse a ele: “O jovem precisa de educação moral, que é o princípio fundamental da disciplina social; sem apelar para o coração, educar é formar no homem as mais duradouras forças da ordem social”.

O pensamento de Amélia Rodrigues se identifica com o pensa-

mento de Fénelon, contido em O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Educar é formar homens de bem, e não apenas instruí-los”. Notável professora, ela também foi uma poetisa emérita, além de escritora e teatróloga consagrada, ou seja, um legítimo expoente cultural das Letras da Bahia. Entre as peças teatrais que escreveu estão “Fausta” e “A Natividade”. Escreveu, ainda, obras para a literatura infantil, didáticas e romances.

Quando de sua aposentadoria, foi difícil ficar repousando. O seu ideal de ensinar continuava vivo. Recuperadas as suas energias, retornou ao Magistério, de forma ainda mais marcante, e fundou o Instituto Maternal Maria Auxiliadora, que mais tarde transformou-se na “Ação dos Expostos”.

Além de mostrar claramente sua ideologia abolicionista, aproveitando o tempo disponível, dedicou-se à literatura e ao jornalismo, colaborando em publicações religiosas, entre as quais: “O Mensageiro da Fé”. Depois, na revista A Paladina e, mais tarde, em A Voz.

Desencarnação e trabalho no plano espiritual

Amélia Rodrigues desencarnou no dia 22 de agosto de 1926, aos 65 anos de idade, em Salvador, deixando a sua marca de trabalho inigualável, tanto na Educação como na Literatura e na Assistência Social.

No Plano Espiritual, continuou seu trabalho esclarecedor e educativo, baseado no Evangelho de Jesus, fonte inspiradora de suas obras quando encarnada. Encon-

trou na Espiritualidade – seara infinita da imortalidade – maior expansão para seu espírito sequioso de conhecimento e faminto de amor, dando vazão aos anseios mais nobres.

Aprofundou-se na mensagem de Jesus e, na atualidade, participa da falange de Joanna de Ângelis, mentora de Divaldo Pereira Franco. Pela psicografia do abnegado medianeiro, trouxe páginas de beleza intraduzível, que abordam os mais variados assuntos sobre o Evangelho – seu tema predileto -, de onde extrai lições edificantes para aqueles que estão cansados e sobrecarregados, necessitados de orientação e de consolo.

Através da psicografia de Divaldo, Amélia Rodrigues trouxe inúmeras obras que tocam o coração do leitor, sempre ressaltando as sublimes lições de Jesus.

Obras escritas por Amélia Rodrigues através do médium Divaldo Franco

Primícias do Reino, 1967;
Luz do Mundo, 1971;
Quando Voltar a Primavera, 1977;
Há Flores no Caminho, 1982;
Pelos Caminhos de Jesus, 1987;
Trigo de Deus, 1993;
Dias Venturosos, 1997;
Até o Fim dos Tempos, 2000;
A Mensagem do Amor Imortal, 2008;
Vivendo com Jesus, 2012;
Pérolas da Série Evangélica (2 volumes), 2017;
O Essencial, 2024;
O Semeador (infantil);
O Vencedor (infantil). **REE**

Nunca esqueçamos a bondade

O que desejamos, contudo, é falar de bons exemplos, bons estímulos, nesses tempos tão conturbados da experiência humana, onde precisamos colher conteúdos que estimulem um novo comportamento, que equilibrem os relacionamentos humanos e auxiliem na direção dessa compreensão para uma nova mentalidade.



Orson Peter Carrara

Nesse esforço educativo que devemos cultivar em nós mesmos, a bondade é virtude por excelência. Ela é capaz de grandes prodígios nos relacionamentos. Quem é beneficiado por um gesto de bondade saberá, melhor do que ninguém, dizer dos reflexos e desdobramentos que a virtude é capaz de promover.

Alguém já disse que “Deus não esquecerá seu gesto de bondade”. Claro que afirmar que Deus “não esquecerá” é adaptar a Bondade Absoluta às nossas míseras condições, onde a ingratidão ainda se faz presente, podendo fazer a omissão ou a indiferença se fazerem presentes no lugar da bondade, por força de um esquecimento até consciente. Mas é uma lin-

guagem figurativa importante que bem diz da própria Lei de Amor estabelecida pelo Criador faz com que sempre recebamos de volta tudo que fizermos, inclusive, claro, a bondade que tenhamos oferecido e vivido. É outra forma de dizer, apenas.

Isso, porque as Bem-aventuranças, como ensinamentos de Jesus, enfatizam que a verdadeira felicidade e o Reino de Deus estão ligados à prática da bondade para com o próximo, refletindo a natureza divina do amor e da misericórdia.

Essas considerações surgiram após ver o filme *Pássaro Branco - Uma história de extraordinário*, produção americana de 2023, cujas especificações técnicas estão disponíveis na net. O título justifica o conteúdo: é realmente um filme extraordinário.

Orson Peter Carrara é escritor e palestrante espírita, residindo na cidade de Matão/SP, com vários livros publicados.

Abstenho-me de incluir sinopse, para instigar ainda mais a curiosidade do leitor. A reflexão sobre a bondade, ou a falta dela, é a essência do filme. E como a bondade precisa igualmente ser cultivada, incentivada, conquistada, num verdadeiro processo autoeducativo da alma, com reflexos à nossa volta, ver o filme, refletir com o que a crueldade é capaz de fazer ou sentir os efeitos contrários, quando a bondade é cultivada, leva-nos a pensar quanto poderíamos fazer para ter um mundo melhor, ainda dominado pela agressividade.

Um simples gesto, uma pequena e espontânea atitude, são capazes de prodígios nos relacionamentos. No caso em questão, uma história pessoal contada pela avó ao neto rebelde e agressivo o fez repensar suas próprias atitudes e culminar com mudanças no comportamento, num diálogo magnífico entre avó e neto durante toda a exibição.

O cenário é Segunda Guerra Mundial com seus horrores próprios, mas a essência, como afirmei acima, fica por conta da reflexão sobre essa grande virtude: a bondade. Não podemos esquecer-lá. Temos que trazê-la ao próprio comportamento. Afinal, por que não?

O egoísmo ainda predomina no comportamento humano, mas o buscar de mudanças é viável, é possível, com grandes benefícios individuais e coletivos.

Enquanto o egoísmo é capaz

É um processo educativo, não há como descartar esse aspecto. Começa em nós, mas é capaz de contagiar

de promover pequenas ou grandes guerras, a bondade – que age com renúncia e compreensão – é capaz de transformar vidas.

É um processo educativo, não há como descartar esse aspecto. Começa em nós, mas é capaz de contagiar. Parece-nos, claramente, que precisamos desses incentivos, desses estímulos.

Ocorre-nos dizer, inclusive, que o filme poderá ser utilizado em escolas e mesmo em diálogos muito construtivos entre jovens e também em adultos. Afinal, nunca é tarde para uma autoanálise pessoal de como estamos em relação a esses dois opostos: a agressividade e a bondade.

O melhor do filme é que fica um convite no ar para sermos bons.

Agora deixo aos leitores pesquisarem e não perderem a chance dessa profunda reflexão.

Para não alongar e concluir, sugiro ao leitor pensar e pesquisar sobre a excelente virtude e sua estreita ligação com as Bem-Aventuranças... **REE**

Jesus, o mestre



Jesus rejeitou o cetro, o trono, a realeza, alegando que o seu reino não é deste mundo. Dispensando igualmente, a glória e as honras terrenas; um só brasão fez questão de ostentar: ser mestre, ser educador.

Pedro de Camargo Vinícius

Vinícius (Pedro de Camargo, 1878-1966) foi escritor e palestrante espírita, com marcante atuação no movimento espírita paulista, tendo participado dos quadros da Federação Espírita do Estado de São Paulo e também da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Foi um dos fundadores do Instituto Espírita de Educação, deixando-nos livros muito importantes sobre o Evangelho e a Educação.

Jesus curou cegos de nascença, surdos-mudos, epiléticos, hidróticos, doidos e lunáticos, paralíticos, reumáticos e leprosos; sarou, finalmente, enfermos de toda casta que a ele recorreram em busca do maior bem temporal — a saúde. No entanto, jamais o Senhor pretendeu que o dissessem médico, ou clínico.

Jesus frequentava o templo e as sinagogas onde atendia aos sofredores e ensinava ao povo as verdades eternas, mas nunca se inculcou levita ou sacerdote.

Jesus predisse com pormenores e particularidades o cerco, a queda e a ruína de Jerusalém; como essa, fez várias outras profecias de alta relevância. Penetrava o íntimo dos homens, devassando-lhes os arcanos mais secretos, porém não consta que pretendesse as prerrogativas de vidente ou de profeta.

Jesus realizou maravilhas, tais como: alimentar mais de cinco mil pessoas com três pães e dois peixes; acalmar tempestade, impondo inconcebível autoridade às ondas revoltas do oceano. Ressuscitou a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e, também, Lázaro, sendo que este último já estava sepultado havia quatro dias. Transformou água em vinho nas bodas de Cana da Galileia, e muitos outros prodígios operou não pretendendo, apesar disso que o considerassem milagreiro ou taumaturgo.

Jesus aclarava as páginas escriturísticas, fazendo realçar da letra que mata o espírito que vivifica, mas não se apresentou como exegeta ou, ministro da palavra.

O único título que Jesus reclamou para si, fizesse jus às mais excelentes

denominações honoríficas que possamos imaginar, foi o de “mestre”. Esse o título por ele reivindicado, porque realmente Jesus é o Mestre excelso, o Educador incomparável.

Sua fé na obra da redenção humana, mediante o poder incoercível da educação, acordando as energias espirituais, é inabalável, é absoluta. Tão firme é a crença na regeneração dos pecadores, na renovação de nossa vida, que por esse ideal se ofereceu em holocausto.

Educar é remir. O Filho de Deus deu-se em sacrifício pela causa da liberdade humana. A cruz plantada no cimo do Calvário não representa somente a sublime tragédia do amor divino: representa também o símbolo, o atestado da fé viva que Jesus tem na transformação dos corações, na conversão de nossas almas. “Quando eu for levantado no madeiro, atrairei todos a mim...” asseverou ele. Todos, notemos bem; não uma parcela mais a totalidade. Vemos por aí como é radical a sua confiança, a sua crença na reabilitação dos culpados, através da educação.

Sim da educação, dizemos bem, porque só um título Jesus reclamou, chamando-o a si, e o fez sem rodeios sem rebuscos, nem perífrases, antes com a máxima fraqueza e toda a ênfase: o título de mestre. Dirigindo-se aos seus discípulos, advertiu-os desta

maneira: “Um só é o vosso mestre, a saber — o Cristo Portanto, a ninguém mais chameis mestre senão a mim”. (Mateus, 23:8.)

Jesus rejeitou o cetro, o trono, a realeza, alegando que o seu reino não é deste mundo. Dispensando igualmente, a glória e as honras terrenas; um só brasão fez questão de ostentar: ser mestre, ser educador. É significativo!

“Eu sou a luz do mundo, sou a verdade, sou o pão que desceu do céu” — proclamou o Senhor. Esparzir Luzes revelar a verdade, distribuir o pão do Espírito — tal a obra da educação, tal a missão do Redentor da Humanidade.

Que dúvida poderá restar a nós outros, neocristãos, sobre o rumo que deve tomar a nossa atividade, uma vez que o advento do Espiritismo é o do Consolador prometido? Que outra forma poderemos dar ao nosso trabalho, que seja tão eficaz, tão profícua e benéfica à renovação social, como aquela que se prende à educação, no seu sentido lato e amplo?

Trabalhem, pois, com ardor e entusiasmo pela causa da educação da Humanidade, começando pela infância e pela juventude desta terra de Santa Cruz.

(Texto originalmente publicado no livro *Em Torno do Mestre*, e reproduzido também no livro *O Mestre na Educação*).

REE

Atividade prática: Jogos para estimulação das relações interpessoais

Redação

Lembre o educador que, por se tratarem de jogos, devem ser aplicados com dinamismo, oferecendo ao educando momentos de desafio, prazer e também brincadeira.

Trabalhar a compreensão das diferenças, a resolução de conflitos e a convivência em laços de solidariedade são objetivos a serem alcançados com a aplicação dos Jogos para Estimulação das Relações Interpessoais.

Lembre o educador que, por se tratarem de jogos, devem ser aplicados com dinamismo, oferecendo ao educando momentos de desafio, prazer e também brincadeira. E não esqueça de fazer as devidas adaptações quando isso se fizer necessário.

1. Carinhas

Desenhar círculos em folhas de papel e deixar aos educandos lápis de cera ou canetas hidrocor. Os educandos devem desenhar nos círculos os olhos, o nariz, as orelhas e as bocas nas caras, mas fazê-lo segundo

estados de ânimo das pessoas, relatados pelo educador (por exemplo: Luciana perdeu um amigo e está triste, como seria o rosto de Luciana?), e muitas outras situações análogas. O objetivo essencial da atividade é levar o educando a perceber suas próprias emoções e poder, progressivamente, fazer “leituras” de sentimentos em si mesmo e em outras pessoas.

2. Crachás

Os educandos devem confeccionar crachás em pedaços de cartolina onde, além do nome e da maneira como gostariam de ser chamados, escrevam algumas sentenças que expressem seus gostos e seus sentimentos. Exemplo: a) Nome...; b) Gosto de ser chamado de...; c) Fico contente sempre que...; d) Nada me aborrece mais que...; e) Meu maior sonho na vida é...Esses crachás devem ser usados em

uma atividade pouco rotineira ou mesmo em um dia específico e os educandos devem circular pela sala com os mesmos. Ao final é indispensável um círculo de debates, onde cada educando expresse sua impressão sobre a atividade e, principalmente, revele suas descobertas. O educador não deve permitir que nas aulas seguintes os elementos dessa atividade sejam esquecidos. Deve ser um ponto de maior aprofundamento interpessoal dos educandos e como tal ser continuamente explorado.

3. Sinais de trânsito

O educador deve montar um mural na sala de aula contendo o retrato de cada um dos educandos e abaixo do mesmo seu nome. Ao lado desse mural uma caixa com inúmeros círculos nas cores verde, amarela e vermelha, com lixas no verso para sua fixação no mural (caso seja revestido de feltro) ou então tachinhas para que essas figuras geométricas sejam fixadas no mural. Os educandos devem ser orientados a perceber seus estados de emoção e, todo dia, ao entrar na sala escolham uma das cores da caixa para fixar embaixo de seu nome (verde = estou ótimo, feliz, entusiasmado; amarelo = estou com uma sensação de apatia, indiferença, conformismo; vermelho = estou muito aborrecido, chateado, inseguro). O educando deve ter ampla liberdade para falar ou não de seu estado emocional e o educador, dependendo do grau de afetividade com que se rela-

ciona com os educandos, pode procurá-los, independentemente da cor colada no mural, para falar desse estado de emoção. Procurar apenas os “vermelhos” pode atrair uma atenção especial e educandos forjarem situações para serem notados.

4. Caixa de correio

Uma caixa de sapatos com uma abertura, que será a caixa de correio. Os educandos são trabalhados para que escrevam suas queixas e seus problemas e depositem, anonimamente, na caixa de correio. Periodicamente o educador abre a caixa de correio e lê as queixas e os problemas apresentados, colocando em debate eventuais propostas para solucioná-los. É importante que a atividade se desvie de queixas de natureza material para as de natureza emocional, propiciando um clima de mais agudo auto e heteroconhecimento e para uma aberta discussão sobre problemas que envolvem as relações interpessoais entre os educandos e, eventualmente, seus educadores e funcionários da escola.

5. Rótulos

Preparar um conjunto de etiquetas gomadas para cada grupo. Essas etiquetas devem conter, com letras bem visíveis, as palavras SOU SURDO(A) - GRITE / SOU PODEROSO(A) - RESPEITE / SOU ENGRAÇADO(A) - RIA / SOU SÁBIO - ADMIRE / SOU PREPOTENTE - TENHA MEDO / SOU ANTIPÁTICO(A) - EVITE / SOU

TÍMIDO(A) - AJUDE.

Formar grupos de cinco a sete educandos e sugerir que, durante 5 minutos, discutam um tema polêmico qualquer, proposto pelo educador. Avise que, entretanto, na testa de cada um dos integrantes do grupo será colocada uma etiqueta (rótulo) e que o conteúdo da mesma deve ser levado em conta nas discussões, sem que seu possuidor, entretanto, saiba o significado. Com os rótulos na testa, os grupos iniciam a discussão que torna-se, naturalmente, inviável. Ao final do tempo, solicitar que os grupos exponham suas conclusões que é, entretanto, impossível. Após essa tentativa os alunos devem retirar a etiqueta e debater as dificuldades que os muitos rótulos que recebemos impõem a relações mais profundas. A estratégia permite aprofundar os problemas de comunicação e relacionamento impostos pelos estereótipos e pelos preconceitos.

6. Leilão

Os educandos, sentados em círculo, recebem cem pequenas folhas de papel onde estão registrados valores de R\$1,00. Cada educando receberá o equivalente a 100 Reais. São orientados a participar de um leilão, onde pagarão valores que julgarem coerentes para cada uma das “qualidades” que serão leiloadas pelo educador. Os educandos sabem que serão leiloadas “de cinco a oito” qualidades, sem saber quais são. Iniciada a atividade, o edu-

gador, literalmente, promove um leilão das “qualidades” que vai extraindo de uma sacola. Pode iniciar o leilão, indagando quanto pagam por “amizade”, coloca depois em leilão a “família”; pode prosseguir colocando à venda “férias”, “automóvel”, “esportes”, “religião”, “amor correspondido”, mudança de casa”, “viajar para o exterior” e inúmeras outras. Deve-se levar o educando à reflexão sobre a hierarquia dos valores que considera essenciais ou que considera supérfluos. Um círculo de debates é indispensável para dar oportunidade de proposições por parte dos participantes e, se julgar válido, o educador pode sugerir outras qualidades e solicitar que os educandos distribuam seus reais de maneira a classificá-las por sua importância pessoal.

7. Motivação

Os educandos devem estar sentados em círculo. No quadro, relação de alguns fatores de motivação abaixo relacionados. Papel e lápis para cada educando. Fatores de motivação: 1. É muito interessante / 2. A turma adora / 3. É bem fácil / 4. É uma tarefa importante / 5. Sou capaz de fazer / 6. Temo o castigo se não fizer / 7. Isso despertará a admiração dos outros / 8. Sinto que isso me faz crescer / 9. Com isso posso ter lucro / 10. A maior parte de outras pessoas desiste. Cada educando deve, em uma folha de papel, sem que os colegas vejam, relacionar três a quatro fatores de moti-

vação que com mais frequência utiliza. Após relacionar esses fatores, deve discutir suas opiniões com os colegas. Após esse debate, o grupo deve relacionar os fatores consensualmente mais utilizados e anotá-los no quadro. O educador desenvolve um debate, comparando as posições apresentadas pelos diferentes grupos, verificando se existem “propostas” e/ou “sugestões” sobre outros fatores essenciais à automotivação.

8. Barbante

Cada educando deve ser convidado a segurar um barbante (30 cm de comprimento) com a mão direita, ligeiramente distante do corpo, e imaginar quantos nós poderia dar nesse barbante em um minuto, sem apoiá-lo ou encostá-lo no corpo. Deve, depois, imaginar quantos nós poderia dar, também em um minuto, segurando o barbante com a mão esquerda. Deve anotar sua expectativa. Após essas anotações, o educador sugere que executem a tarefa. Ao término da mesma deve fazer um levantamento total dos nós anotados como expectativa e o total de nós, efetivamente feitos. Em geral, há uma expressiva diferença no conjunto de educandos quanto à expectativa e o número real, sempre bem mais alto. Essa diferença abre espaço para um debate sobre o autoconhecimento e sobre a tendência em minimizarmos nossas reais possibilidades.

9. Viagem

O educador coloca os educandos sentados, formando um círculo, e inicia o jogo dizendo: “eu vou fazer uma viagem e levarei comigo...”. Ele escolhe sempre algo que a segunda pessoa sentada à sua esquerda esteja usando (ex.: lápis, meia de cor tal, saia, óculos, etc.). Em seguida pergunta ao primeiro educando à sua esquerda se ele quer também viajar e o que vai levar nessa viagem (ele deve falar algo que o segundo educando à sua esquerda estiver usando), e assim por diante. Se ele errar, o educador diz que ele não poderá viajar. Podem ser feitas várias rodadas, pois o que se deseja é identificar o nível de percepção individual dos educandos. Após o jogo, dialogar sobre os níveis de percepção, a importância do raciocínio e como percebemos os outros.

10. Valores

Cada educando recebe um cartão com um determinado valor (de preferência, um valor que ele possa ter); por exemplo: otimismo, alegria, esperança, solidariedade, justiça, gratuidade, partilha, sinceridade, honestidade, etc. Alguns instantes de reflexão pessoal. Cada educando vai dizer então se possui ou não este valor apresentado pelo cartão, justificando-se. Ao final da dinâmica, é bom que cada um compartilhe como se sentiu no correr da dinâmica, como os valores que descobriu em si e nos outros companheiros influenciam seus relacionamentos. **REE**

Utilização da arte no centro espírita

Redação

O espírito, desde seu renascimento, necessita receber estímulos que o direcionem ao bem, à elevação das ideias, à apreciação das belezas contidas na grande dinâmica da Vida, onde realizamos nossa evolução.

A arte na Doutrina Espírita está historicamente ligada às ações da Evangelização Infantil e às Mocidades Espíritas. Daí a tendência de vincular-se sua prática somente a estes grupos, quando na verdade, é um recurso para o espírito imortal. Muitos espíritas respeitáveis, quando encarnados, envolveram-se em atividades artísticas, como Eurípedes Barsanulfo, Batuíra, Leopoldo Machado e João Cabete, compreendendo que a arte no centro espírita destina-se a atender todo indivíduo que adentrar suas dependências.

O espírito, desde seu renascimento, necessita receber estímulos que o direcionem ao bem, à elevação das ideias, à apreciação das belezas contidas na grande dinâmica da Vida, onde realizamos nossa evolução. Nas palavras de Kardec, "(...) um Espírito que cultivou certa arte na existência em que o conhecestes, pode ter cultivado outra, em outra existência, já que é preciso que saiba tudo

para ser perfeito".

Na infância, época mais propícia à educação, a arte figura como um grande despertar para a beleza, para a retidão do pensar, para a harmonia dos sentimentos, para a fixação das lições magníficas do Evangelho e da Doutrina Espírita.

Na juventude, desejosa de desafios e com imenso potencial para o trabalho, a arte harmoniza os impulsos advindos da retomada de sua bagagem espiritual de outrora, ora pacificando as explosões emocionais, ora dinamizando ideias, contrapondo-se à letargia e melancolia, oscilações essas que podem ocorrer, fruto das alterações hormonais experimentadas na adolescência e dos pulsos da memória espiritual, neste importante momento em que o espírito começa a afirmar sua nova personalidade.

Na fase adulta, muitas vezes já marcada por experiências menos felizes, a arte adquire um papel de elemento promotor da transformação da vibração do espírito, direcionando o pensamento para novas conquistas, diferentes daquelas em

que a mente se fixou em quadros de memória doentios.

Na velhice, a manutenção dos anseios de crescimento e de reflexão em torno da existência que se estenderá mesmo após a morte biológica pode ser alcançada e bem trabalhada pelos momentos de expansão e introspecção que a arte propõe. Quando bem direcionada, traz contentamento e paz de espírito. O potencial criador e artístico do Espírito pode ser incentivado em todas as atividades básicas do centro espírita:

Palestras Públicas

A reunião pública da casa espírita, costumeiramente formada por palestra e atividade de fluidoterapia, é o cartão de visita da instituição e até mesmo da Doutrina Espírita, pois é a primeira reunião onde o interessado no Espiritismo é convidado a participar. O “público” que a compõe é heterogêneo e flutuante, formado por trabalhadores da casa e visitantes que podem ou não retornar para reuniões futuras ou se engajar em outras atividades da instituição. A atividade artística nesta reunião deve ter o caráter de contribuir na harmonização, no estudo e no acolhimento aos seus participantes.

Sugerimos, como possibilidades, a utilização de músicas preferencialmente de artistas e conteúdo espíritas para harmonização e elevação vibracional dos presentes, nos momentos que antecedem a reunião pública.

Curtas apresentações teatrais em instante anterior ao da palestra, utilizando a mesma temática do estudo, podem funcionar como instrumento pedagógico para o expositor. A experiência tem mostrado que instituições que acolheram esta dinâmica, em função do interesse provocado pela apresentação artística, obtiveram considerável diminuição do número de pessoas atrasadas para a palestra, maior participação de jovens nas reuniões públicas e maior facilidade para o expositor desenvolver o estudo temático.

O audiovisual tem sido um recurso proveitoso ao apresentar conteúdo que facilite o entendimento do tema estudado na noite, especialmente àqueles que adentram a casa espírita pela primeira vez. Na atualidade, em função do acesso facilitado a Internet, vídeos contendo mensagens associadas a imagens podem ser obtidos sem muitas dificuldades.

Com o intuito de evitar que o participante que assiste a reunião pública e porventura não venha mais a retornar a casa espírita, fique com dúvidas ou interpretações equivocadas sobre o conteúdo apresentado, os envolvidos com a atividade artística nas reuniões públicas devem estar sempre atentos ao conteúdo apresentado e que tipo de dúvidas ele pode sanar ou causar nos espectadores.

Devemos ainda atentar que a atividade principal é a reunião pública, guardando cuidado

para que a atividade artística seja breve e colabore com o tema, contribuindo para o clima que se espera.

Reunião de Estudo Sistematizado e Grupos de Estudo da Doutrina Espírita

Nestas reuniões os participantes possuem frequência contínua e disposição íntima para a pesquisa e estudo de obras espíritas. A arte, em suas diferentes modalidades, pode ser utilizada como instrumento pedagógico na abordagem de temas definidos para o dia ou como síntese de unidades didáticas abordadas no período.

A prática artística pode ser realizada pelos próprios participantes do grupo, de outros grupos da casa espírita ou mesmo de outras instituições. Esse mecanismo permite não só um aprofundamento na temática estudada como também desenvolverem seus potenciais sensitivos, a integração e socialização das experiências e reflexões, bem como o auxílio à sintonia

do grupo, do ambiente e com a espiritualidade que sempre aproveita de ambientes equilibrados para tarefas de auxílio e esclarecimento aos espíritos nos dois planos da vida.

Assistir juntos a uma peça teatral, um espetáculo de dança, show musical, filme ou outras modalidades artísticas, pode suscitar oportunidade de reflexão, comungando estudo, confraternização e entretenimento saudável para o Grupo de Estudos, lembrando as palavras de Emmanuel de que “a arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma.”

Do livro *Arte no Centro Espírita – Planejamento e Prática*, publicado pela Abrarte – Associação Brasileira de Artistas Espíritas, Belo Horizonte: Educere Editora, 2ª edição, 2015). **REE**





revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Campanha para NOVOS Assinantes

Já somos mais de 2.100, vamos aumentar esse número?

A assinatura da *Revista Educação Espírita* é **gratuita**.

Espalhe o link de cadastro para seus amigos e em suas redes sociais:



bit.ly/revista-educacao-espirita

Abrços,
Marcus De Mario, Editor-chefe

Divulgando

Redação

MANSÃO DO CAMINHO

Com 6 escolas ativas, da creche ao ensino médio, atendendo 1.532 alunos matriculados, e ofertando 15 oficinas de arte-educação no contraturno, a Mansão do Caminho, em Salvador/BA, mantém intenso trabalho educacional junto às novas gerações, numa obra que teve início com o médium Divaldo Pereira Franco.



O Departamento Educacional da Mansão do Caminho acolhe diariamente quase dois mil alunos, que iniciam a sua jornada educacional na Instituição na Creche A Manjedoura, a partir de 4 meses de idade, podendo continuar seus estudos até o ensino médio, no Colégio Nilson de Souza Pereira.

Dessa forma, possibilita um percurso educacional extenso, repleto de oportunidades e lições de cidadania para essas crianças e jovens: a Creche A Manjedoura, o Jardim de Infância Esperança, a Escola Alvorada Nova (pré-escola), a Escola Allan Kardec de Pirajá, a Escola Jesus Cristo – que inclui o fundamental I e II – e o Colégio Nilson de Souza Pereira, que é centrado no ensino médio.

Ademais, a Instituição disponibiliza aos seus alunos várias atividades extracurriculares. É o compromisso que o Centro Socioassistencial Integrado Ana Franco assume e desenvolve há anos, no contraturno da Escola Jesus Cristo, da Escola Allan Kardec de Pirajá e do Colégio Nilson de Souza Pereira, através de cursos artísticos e profissionalizantes, como uma forma de enriquecer os horizontes de expectativas desses jovens, na busca pela vocação profissional.

Os pais e responsáveis que se interessarem por uma vaga em alguma de nossas escolas devem acompanhar os editais de vagas que divulgamos em nosso site e fixamos impressos na portaria da Mansão do Caminho.

Hoje a Mansão do Caminho mantém as seguintes unidades educacionais:

Creche A Manjedoura

Jardim de Infância Esperança

Escola de Educação Infantil Alvorada Nova

Escola Allan Kardec de Pirajá

Escola Jesus Cristo

Colégio Nilson de Souza Pereira

Biblioteca Joanna de Ângelis

Auxilie a Mansão do Caminho com sua contribuição, sendo um mantenedor dessa obra maravilhosa.

Acesse mansaodocaminho.com.br.

Pensando a educação

A evangelização espírita é a formação moral para a eternidade, inspirada na doutrina e na moral do Cristo. É a busca da perfeição amorosamente ressaltada por Jesus em “sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”. E deve começar o quanto antes, sobretudo na infância.

Cíntia Vieira Soares, em *Evangelizando Bebês*, Feego Editora.

No campo da educação dos sentimentos e do caráter no período infantil dos filhos, os pais são os grandes mestres do coração, seja com o seu bom ou mau comportamento, pois tudo eram lições que ficarão gravadas em sua memória mental.

Walter Barcelos, em *Educadores do Coração*, UEM Editora.

É vivendo que o indivíduo desenvolve, plenamente, o seu arsenal cerebral, o seu sistema nervoso, a sua capacidade de agir de forma mais racional. Criança amada, respeitada em suas necessidades, desenvolverá as várias inteligências, o cognitivo, o emocional, o equilíbrio, a capacidade de viver bem e com alegria.

Heloísa Pires, em *Educar Para Ser Feliz*, CF Editora.

A capacidade de amar é uma perfeição que se acha normalmente em estado potencial no reservatório profundo do nosso espírito. Portanto, só se eleva ao nível de sua realização em atos de amor, quando extraída desse fundo pelo desenvolvimento progressivo da espiritualidade.

Ney Lobo, em *Espiritismo e Educação*, Fespe Editora.

Respeite tudo, ame a todos e confie sempre na vitória do bem, para que você possa manter os padrões da verdadeira felicidade no campo íntimo, dentro do campo ilimitado da evolução.

Emmanuel, em *Estude e Viva*, FEB Editora.

revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA